

AS FORMAS DE TRATAMENTO EM GRAMÁTICAS ESCOLARES ESPAÑOLAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

LAS FORMAS DE TRATAMIENTO EN GRAMÁTICAS ESCOLARES ESPAÑOLAS DE LOS SIGLOS XVIII Y XIX

THE FORMS OF ADDRESS IN SPANISH PEDAGOGICAL GRAMMAR OF THE 18TH AND 19TH CENTURIES

Fernanda Silva Freitas*

Leandro Silveira de Araujo**

Universidade Federal de Uberlândia

RESUMO: Este trabalho buscou descrever o processo de gramatização das formas pronominais de tratamento em gramáticas escolares espanholas publicadas entre os séculos XVIII e XIX. A escolha pelo recorte temporal se deu pelas mudanças verificadas na produção de manuais escolares e no uso dessas formas linguísticas nesse período. A metodologia adotada é de cunho qualitativo e exploratório e assume como procedimento de análise uma pesquisa documental que compreende o cotejamento de quatro gramáticas produzidas entre os referidos séculos. Verificou-se que apenas a gramática da primeira metade do século XVIII não contém menção à forma *usted*. As duas do século XIX contemplam essa forma categorizando-a como um pronome ou equivalente. Também o uso do pronome *vos* aparece com delimitações de seu contexto de uso no manual analisado para a segunda metade do século XVIII, apontamentos que se repetem nas duas gramáticas do século XIX, cada vez mais delimitados a registros mais formais.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Espanhola. Gramaticografia. Pronomes de tratamento. Norma Lingüística.

RESUMEN: Se ha buscado con este trabajo describir el proceso de gramatización de las formas pronominales de tratamiento en las gramáticas escolares españolas publicadas entre los siglos XVIII y XIX. Se ha elegido dicho recorte temporal debido a los cambios verificados en la producción de los manuales escolares y en el uso de estas formas lingüísticas en este período. Se ha adoptado una metodología cualitativa y exploratoria, con procedimiento de análisis una investigación documental que comprende el cotejamiento de cuatro gramáticas producidas en los referidos siglos. Se ha verificado que la gramática de la primera mitad del siglo XVIII no menciona la forma 'usted' y que las dos del siglo XIX contemplan esta forma, categorizándola como un pronombre o equivalente. El uso del pronombre 'vos' aparece con delimitación de sus contextos de uso en el manual analizado para la segunda

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista FAPEMIG. E-mail: fsfreitas21@gmail.com.

** Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Araraquara). Professor Adjunto do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, com atuação no curso de Graduação em Letras: Espanhol e nos cursos de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) e Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). E-mail: araujols@ufu.br.

mitad del siglo XVIII. Esta delimitación también forma parte de la descripción del 'vos' en las gramáticas del siglo XIX, las que lo presentan cada vez más restringido a registros más formales.

PALABRAS CLAVE: Lengua española. Gramaticografía. Pronombres de tratamiento. Norma Lingüística.

ABSTRACT: This paper aims to describe the grammaticalization process of pronominal address terms in Spanish pedagogical grammar published between the 18th and 19th centuries. The time frame was chosen due to the changes observed in the production of pedagogical grammar and in the use of these linguistic forms in this period. The methodology adopted is of a qualitative and exploratory nature and it assumes as a procedure of analysis a documentary research that includes the comparison of four grammars produced between the aforementioned centuries. It was found that only the grammar of the first half of the 18th century does not contain mention of the *usted* form. The two from the 19th century contemplate this form by categorizing it as a pronoun or equivalent. The use of the pronoun *vos* also appears with delimitations of its context of use in the manual analyzed for the second half of the 18th century, notes that are repeated in the two grammars of the 19th century, increasingly limited to more formal registers.

KEYWORDS: Spanish. Grammaticography. Pronouns of Address. Linguistic Norm.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve por objetivo analisar e descrever o processo de gramatização e consolidação dos contextos de uso das formas de tratamento em língua espanhola entre os séculos XVIII e XIX. A fim de alcançar o objetivo que pontuamos para este estudo, apresentaremos nos parágrafos abaixo nosso referencial teórico, objetivos específicos, justificativas, metodologia de trabalho e bibliografia básica para consulta.

Como advertido, a temática desta pesquisa volta-se ao estudo das concepções de língua e norma linguística implicadas no processo de produção de gramáticas em língua espanhola. Apesar da grande distância temporal entre a presente análise e o período de produção dos manuais aqui analisados, destacamos a relevância da discussão proposta, pois permite entender como a sociedade daquele momento lidava com o fenômeno linguístico em questão e com o próprio ofício de descrevê-lo, como nos explica Orlandi (2013), ao comentar o papel das gramáticas e outros instrumentos de registro da língua na sociedade: “A construção dessas tecnologias são parte da maneira como nossa sociedade se constitui historicamente, nos elementos de nossa identidade. Mais do que isso, esse é um lugar privilegiado de observação da forma como essa sociedade produz seu conhecimento em relação à nossa realidade” (Orlandi, 2013, p. 139).

Assim, ao analisar o modo com que aparecem as formas de tratamento nas gramáticas escolares espanholas dos séculos XVIII e XIX, vemos também como os gramáticos acompanharam a mudança no uso da forma *vos* e o surgimento e delimitação dos contextos de uso do agora pronome *usted*, além de como o contexto de produção influenciou na escolha por registrar ou não essas formas. No entanto, antes de aprofundarmos os aspectos gerais do presente trabalho, cabe uma reflexão sobre “norma linguística” e sua relação com o ser humano e a sociedade em que se insere.

A metodologia adotada é de cunho qualitativo exploratório, posto que assume como procedimento de análise uma pesquisa documental que compreende a análise e o cotejamento de quatro gramáticas da língua castelhana produzidas entre os séculos XVIII e XIX, a saber: (i) *Gramática de la lengua castellana, reducida à breves reglas, y fácil metodo para la instrucción de la juventud*, de D. Benito Martínez Gómez Gayoso (1743); (ii) *Cartilla de la lengua castellana; método breve y fácil para ser gramático*, de D. Pedro Castillo (1787); (iii) *Gramática de la lengua castellana según ahora se habla*, de Vicente de Salvá (1835); e (iv) *Gramática Castellana*, de Francisco Vigas Rigau (1897).

A escolha dessas quatro gramáticas se justifica pelos seguintes fatores: em primeiro lugar, seu forte apelo pedagógico; segundo, por sua relevância histórica, principalmente a obra de Salvá (1835), que influenciou outras gramáticas publicadas posteriormente, incluindo a gramática de Andrés Bello (Calero Vaquera, 1986); terceiro, por sua distribuição no tempo, dado que cada gramática representa uma metade de seu respectivo século de publicação; e, finalmente, foi relevante o fato de que encontramos acesso à

integralidade do texto para todos os quatro materiais, possibilitando a busca pelas seções específicas das formas de tratamento e a busca geral por ocorrências externas das formas de tratamento pesquisadas, isto é, fora das subseções atribuídas aos pronomes.

Com esse propósito, apresentamos, a seguir, a relação dos assuntos abordados neste artigo. Primeiramente, na seção intitulada “A norma linguística”, encontra-se uma breve discussão sobre o que se entende por norma linguística e seu lugar na sociedade, além de uma definição de como se usará o termo “gramática” ao longo do texto. Em seguida, a seção “Aspectos metodológicos” reúne informações básicas acerca dos manuais analisados, o motivo de sua eleição e a maneira com que a pesquisa foi conduzida, de modo geral.

Na seção “As formas de tratamento nas gramáticas escolares espanholas”, o leitor encontrará quatro subseções que se dedicam a apresentar cada uma das gramáticas analisadas, em ordem cronológica. Parte-se das duas obras representantes do século XVIII até as duas representantes do século seguinte. Cada uma das subseções discorre primeiro sobre o contexto de produção da obra, trazendo informações extratextuais que apresentam relevância para a discussão aqui proposta e, em seguida, são localizadas e comentadas as partes da obra que discutem acerca das formas de tratamento – quando isso é feito pelo autor.

Logo, a seção “Análise de dados” traça um panorama com as informações mais relevantes sobre a gramatização das formas de tratamento, separadas por século e seguidas por uma subseção que traz um comparativo entre as duas visões gerais anteriormente mencionadas. Concluímos este trabalho retomando os dados encontrados acerca do processo de consolidação das formas de tratamento em língua espanhola e resumindo aqueles encontrados ao longo da pesquisa e indicamos possíveis desdobramentos deste trabalho para futuros projetos.

2 A NORMA LINGUÍSTICA

Segundo nos explica Múgica (2007), o estudo da **norma linguística** envolve um campo bastante intrincado por (1) lidar com trabalhos que, a partir de diferentes perspectivas, dedicam-se a discuti-la e defini-la de diferentes maneiras; (2) por tratar-se de um fenômeno da linguagem – que, como sabemos, é muito complexa, já que está em constante construção –; e, finalmente, (3) por ser um fenômeno relativo. Contudo, a fim de melhor definirmos a “norma da língua” – o conceito fundamental que percorre a essência deste trabalho –, recorremos a Eugenio Coseriu (1962), para quem **norma linguística** é “[...] un sistema de realizaciones obligadas, de imposiciones sociales y culturales, y varía según la comunidad. Dentro de la misma comunidad lingüística nacional y dentro del mismo sistema funcional pueden comprobarse varias normas (*lenguaje familiar, lenguaje popular, lengua literaria, lenguaje elevado, lenguaje vulgar, etcétera*)” (Coseriu, 1962, p. 98).

Cabe pontuar que, nessa perspectiva, não estamos pensando no sentido mais corrente de norma, como algo estabelecido ou imposto segundo critérios de correção e valoração subjetiva. A norma linguística a que se refere Coseriu (1962, p. 98) é aquela que contém “o que no falar concreto é repetição de modelos anteriores”, isto é, que elimina tudo aquilo que é “totalmente inédito, variante individual, ocasional ou momentâneo” e conserva “somente os aspectos comuns que se comprovam nos atos considerados”. Assim, atribui-se à norma da língua aquilo que é legitimado, reconhecido e praticado por todos na comunidade de fala e, como tal, é constructo naturalmente concebido no seio da sociedade e não artificialmente imposto por uma instituição ou grupo.

Ainda conforme explica o autor, a tentativa de definir a norma de uma língua deve levar à constatação de várias normas sociais e regionais, as quais, por sua vez, nada mais são do que o reflexo da relação que guarda a linguagem com o homem e sua comunidade de fala.

Valendo-se de uma perspectiva antropológica, Aléong (2011) define a norma da língua como variável e relativa, posto que se define na heterogeneidade da sociedade: “Nesta concepção de sociedade [heterogênea], as normas sociais ou regras do comportamento são variadas e relativas. Variadas porque os agrupamentos constitutivos da sociedade também são variados, e relativas porque os juízos de valor só têm significação em relação ao grupo ou ao conjunto de referência no qual se situam os indivíduos” (Aléong, 2011, p. 145).

Uma vez que se considera que todo o comportamento social é regulado por normas, também a prática linguística será entendida como “[o] produto de uma hierarquização das múltiplas formas variantes [...]” (Aléong, 2011, p. 148). Assim, a norma linguística funciona como referência para “[o]s usos concretos pelos quais o indivíduo se apresenta em uma sociedade imediata [...]” (Aléong, 2011, p. 149). É importante observar que não se trata de considerar um comportamento certo e os demais errados, pois, sob essa ótica, o uso efetivo da linguagem, por mais diversificado que possa ser, responde, na verdade, às coerções sociais e discursivas observáveis.

Contudo, concomitante a essa norma apresentada, há também aquela norma tida como padrão ou exemplar para o uso da língua. Conforme Aléong (2011), essa norma apresenta um caráter normativo, idealizado e definido por juízos de valor; de tal modo que, por não resultar de uma conduta linguística naturalmente criada no grupo e na situação em que a língua se instaura, ela pode se impor artificialmente como uma norma desconhecida pelo falante. Em suas palavras: “Codificada e consagrada num aparato de referência, essa norma é socialmente dominante no sentido de se impor como o ideal a respeitar nas circunstâncias que pedem um uso refletido ou monitorado da língua, isto é, nos usos oficiais, na imprensa escrita audiovisual, no sistema de ensino e na administração pública” (Aléong, 2011, p.149).

Aléong (2011) observa a existência de três características compondo a norma exemplar: (1) um discurso da norma que categoriza o uso da língua como certo, errado, bom, mau, puro etc; (2) um aparelho de referência que apresenta exemplos de uso (gramáticas, dicionários, academias e outros órgãos públicos); e (3) a difusão e a imposição constante graças ao “[...] papel hegemônico de referência legítima em lugares estratégicos como a escola, a imprensa escrita, etc” (Aléong, 2011, p. 160).

Segundo Bagno (2007), essa percepção normativa pode se identificar com a “norma-padrão” e muitas vezes visa extinguir a diversidade linguística e favorecer, por meio de seu uso, uma variedade homogênea e idealmente compartilhada por todos. No entanto, origina-se um problema sociocultural quando se começa a tratar a língua apresentada pelas gramáticas e dicionários como uma verdade eterna de uso, acreditando, por isso, na existência de uma única possibilidade de uso da língua: o da “norma-padrão”.

Combatendo esse pensamento, os estudos da Sociolinguística revelam-nos que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea e que, portanto, toda língua deve ser representada por um conjunto de variedades. Desse modo, o que chamamos de “língua espanhola”, na prática, envolve as diferentes maneiras de falar usadas pelos falantes argentinos, mexicanos, peruanos, equatorianos, colombianos, espanhóis, chilenos, entre outros.

Inserida nesse contexto, a escola tem o papel fundamental de romper com o mito da existência, tanto na língua materna como na língua estrangeira, de uma única forma certa de falar. Caberá ainda a essa instituição a formação do conhecimento plurilingüístico, que envolve o reconhecimento das formas mais vernaculares e o ensino das institucionalizadas como modelo.

As formas institucionalizadas costumam ser aquelas usadas em algum contexto de prestígio. O registro e prescrição do uso dessas formas prestigiadas é o que Auroux (2014) define como gramatização: um processo que conduz a descrever e instrumentalizar uma língua natural a partir de gramáticas e dicionários, dois “pilares” que ainda são chave para o conhecimento metalingüístico¹.

No que se refere ao conceito de gramática, Antunes (2007, p. 26) apresenta cinco definições possíveis e, dessas, interessam-nos a segunda e a quinta definição, que são, respectivamente: “as regras que definem o funcionamento de uma determinada norma” e “um livro”, como em: a Gramática de Celso Cunha. Assim, neste trabalho, ao utilizar o termo “gramática”, partiremos da ideia de que a gramática é um repositório da norma exemplar.

¹ Paralelo ao conceito de gramatização que, como visto, refere-se ao processo de instrumentalização da língua por meio de gramáticas, o conceito de grammaticalização também circulará eventualmente em nossa discussão. Destacamos, contudo, que grammaticalização se refere ao processo de mudança linguística no qual elementos da língua adquirem função mais grammatical, isto é, tornam-se mais coesos, dependentes, com sentido mais abstrato, entre outros. Esse é o caso, por exemplo, da transformação da construção de tratamento “vossa mercê/vuestra merced” no pronome *usted/você*.

3 AS FORMAS DE TRATAMENTO NAS GRAMÁTICAS ESCOLARES ESPANHOLAS

Em seguida apresentam-se as gramáticas analisadas neste trabalho, em ordem cronológica de publicação: primeiro, discute-se os aspectos mais relevantes das gramáticas de Gómez Gayoso (1743) e de Castillo (1787), representantes do século XVIII. Logo, são discutidas as gramáticas de Salvá (1835) e de Vigas Rigau (1897), escolhidas para representar o século XIX.

Foram feitas, em cada uma das gramáticas, breves apresentação e contextualização de seu processo de produção, seguidas da descrição dos aspectos mais relevantes de seus prólogos (ou textos iniciais equivalentes) e, finalmente, dedicou-se um espaço a explicar de que maneira estão sistematizados os pronomes em cada manual, se há uma explicação do uso de formas de tratamento em língua espanhola e se há outras informações relevantes para o trabalho.

3.1 GRAMÁTICA DE LA LENGUA CASTELLANA, DE D. BENITO MARTÍNEZ GÓMEZ GAYOSO (1743)

A gramática intitulada *Gramática de la lengua castellana*, redigida por Benito Martínez Gómez Gayoso, em 1743, foi a primeira das duas gramáticas do século XVIII analisadas neste trabalho. Em seu contexto de publicação, as obras publicadas na Espanha careciam de passar pela censura, como explicam Terán Elizondo e Galán Montemayor (2017):

En España, los reyes católicos establecieron las normas y los procedimientos para el control de la censura en la producción de libros (escritura, impresión y fidelidad del impreso al original) y su comercio (venta, importación, exportación, circulación y posesión), las cuales se mantuvieron vigentes hasta el siglo XIX, cuando fueron derogadas con el triunfo de la monarquía constitucional, aunque en 1768 algunas de esas disposiciones fueron precisadas por Carlos III a través de una Cédula Real, y el control de la censura fue suspendido temporalmente cuando la Constitución de Cádiz estableció la libertad de imprenta en 1810 y la supresión de la Inquisición en 1813. (Terán Elizondo; Galán Montemayor, 2017, p. 183)

Por isso, esta obra contém uma nota do censor, D. Juan Martínez Salafranca, atestando sua aprovação para publicação. Nessa nota, interessam-nos alguns pontos, sendo o primeiro deles a menção ao fato de que, durante aquele século, ainda que já existisse, a produção de gramáticas de língua espanhola não se mostrava tão expressiva:

[...] aunque [D. Benito Gómez Gayoso] no es Inventor en esta materia, respecto de que ya algunos Españoles, aunque raros, comenzaron à escribir, sin embargo de esto, la extensión, y methodo, son tan diferentes, que se le puede sin escrupulo aplicar todo el merito de la Invencion. (Gómez Gayoso, 1743, p. 4, grifo nosso)

Assim, tem-se mais um registro que atesta a pequena quantidade de gramáticas produzidas durante o século XVIII, algo também verificado em um trabalho realizado em 2020 (Autores, 2020), em que se realizou um levantamento das gramáticas de língua espanhola produzidas desde o século XV e que encontrou justamente um baixo número de gramáticas publicadas no século XVIII, quando comparado aos séculos seguintes.

Ademais, Martínez Salafranca também atesta sua insatisfação ao fato de que, naquele momento, ainda algumas pessoas acreditavam que o domínio da gramática latina tornava desnecessário o aprendizado da espanhola:

La presente obra es una de las que nuestros Sabios Españoles cuentan por mas precisas, reconociendo quan frecuentemente se peca contra la Gramatica Española con la perniciosa fé de que no necesita de ella el que sabe la Latina. (Gómez Gayoso, 1743, nota do censor)

Tal declaração encontra certo reflexo no prólogo escrito pelo próprio autor, Gómez Gayoso, que acredita que “*pocos habrá que hallarán necesaria esta gramatica, sino las Lenguas Extranjeras*” (Gómez Gayoso, 1743, p. 4). Ademais, ainda sobre a utilidade desse manual, o autor comenta que a compreensão da língua espanhola e de seu funcionamento auxilia não apenas no ‘bem falar’ desta, como também no entendimento de outras línguas estrangeiras (Gómez Gayoso, 1743, p. 3).

Por fim, vê-se também, no prólogo, a indicação do público-alvo dessa cartilha. Gómez Gayoso afirma haver ponderado entre elaborar um manual para os já estudiosos da linguagem ou um para os jovens estudantes e decidiu pelos últimos, deixando as especificidades e definições mais elaboradas para obras complementares a esta, também escritas por ele:

[...] *Y assi (sic) determiné dar primero al publico (sic) esta Gramatica para los Niños, y Jovenes; y despues de experimentada la fortuna de este Libro, dar en otro unos Comentarios, i Observaciones para su complemento, dispuestos segun el methodo de la Gramatica, de que informaré mas adelante.* (Gómez Gayoso, 1743, p. 2)

A seção dessa gramática em que se vê menção aos pronomes é a “*Parte tercera - del pronombre y sus accidentes*”. Nela, vemos uma explicação breve sobre sua função sintática e uma divisão dos pronomes que consiste nas seguintes categorias: pessoais, possessivos, demonstrativos e relativos. Nessa seção, não se encontra menção a “usted”, nem a nenhuma de suas formas anteriores à sua formação (“*vuestra merced*”, “*vuersarced*”, “*voace*”, “*vuce*”, “*vuced*”, “*vusted*”...), o que provavelmente se deve ao fato de que, no momento de redação desse manual, tal uso ainda não se encontrava suficientemente aceito para integrar a lista de pronomes de língua espanhola. Essa hipótese parece mais evidente se considerarmos que o processo de consolidação da forma de tratamento *vuestra merced* e de suas variantes pronominais estende-se desde o século XVI até meados do século XVIII, conforme descrevem Pla Carceles (1923) e Lapesa (1970). Em complemento, Saéz Riveira (2003) revisa alguns aspectos da formação do pronome de tratamento “*usted*” e observa que o processo de gramaticalização de “*vuestra merced*” para “*usted*” se estende ainda pelo século XIX.

Por outro lado, ainda se encontra, no manual, a identificação do pronome *vos*, apresentado como forma alternativa a *vosotros*, porém sem especificar os contextos adequados de uso de cada forma. Finalmente, tampouco foi encontrada, nessa gramática, menção à marcação de cortesia através das formas pronominais de tratamento, algo que também possui relação direta com o estado de uso e consequente registro das formas de tratamento em língua espanhola na primeira metade do século XVIII.

Contudo, a gramática de Gómez Gayoso (1743) traz pistas importantes para auxiliar na compreensão do cenário linguístico da Espanha em seu momento de publicação, como os comentários referentes à necessidade do estudo da língua espanhola, seja ao compará-lo ao estudo da língua latina, seja em termos mais funcionais, isto é, quanto aos questionamentos de sua utilidade para além do estudo de língua. Nesse segundo caso, vemos o argumento que é trazido pelo próprio autor, de que a maior utilidade desse material seria, de fato, para quem desejasse aprender outras línguas modernas.

Além disso, quanto à sistematização dos pronomes, observa-se uma explicação feita de maneira mais simples, que se dá justamente devido ao público-alvo pensado para o manual. A total ausência do registro de formas alternativas ao pronome *tú* e, por outro lado, o registro de *vos/vosotros* e *nos/nosotros* é também um bom indicador dos usos que se consideravam adequados na primeira metade do século XVIII e aponta que, provavelmente, as formas de tratamento ainda não possuíam suficiente legitimação na delimitação de seus contextos de emprego para chegar a fazer parte do material, nem mesmo em exemplos em outras seções.

3.2 CARTILLA DE LA LENGUA CASTELLANA; MÉTODO BREVE Y FÁCIL PARA PODER SER GRAMÁTICO, DE D. PEDRO CASTILLO (1787)

A gramática intitulada *Cartilla de la lengua castellana; método breve y fácil para poder ser gramático*, redigida por Pedro Castillo e publicada em 1787 foi a segunda das duas gramáticas do século XVIII analisadas neste trabalho. Logo na contracapa é possível confirmar que se trata de um material cuja redação tem em conta principalmente os estudantes, uma vez que, abaixo do título, lê-se, o subtítulo: *[o]bra muy util para todos, particularmente para los que tienen á su cargo la instrucción de la juventud; pues con ella pueden facilitarles el estudio de las Lenguas Latina, Francesa, Italiana, ó qualquier otra.*

A menção ao aprendizado de outras línguas aparece também no prólogo da *Cartilla de la lengua castellana*, com seu autor atestando que haveria maior utilidade para que os falantes nativos estudem a língua espanhola do que simplesmente entendê-la:

[...] *la experiencia que he adquirido en la profesion (sic) de Maestro de las lenguas Castellana, Francesa e Italiana*
 [...] *me ha enseñado (con dolor de mi corazon (sic) la gravísima necesidad de saber la lengua materna, no tanto para poderse llamar literato en su propio idioma, quanto para dedicarse á otras.* (Castillo, 1787, p. 2)

Tal ênfase parece resultar de uma provável crescente na busca pelo estudo de outras línguas modernas por parte da população espanhola, ainda quando os interessados careciam de um bom entendimento da gramática do próprio espanhol, como se observa mais adiante, ainda no prólogo: “[...] *pues bien se vé (sic), quan (sic) difícil se será á (sic) qualesquiera (sic) llamarse literato, y pasar al estudio de otra lengua, no haviendo (sic) ni aun saludado los principios de la materna [...]*” (Castillo, 1787, p. A2). Assim, o “bem falar” da gramática não aparece nessa obra como um fim em si mesmo, mas sim como um caminho para melhor conduzir o estudo de outras línguas, aos que se interessam.

Quanto ao público-alvo, Castillo (2017, p. A3) determina que compõem esse grupo os que já foram “instruídos” na gramática da língua espanhola, os que já possuem conhecimento da língua latina e desejam recuperá-la e, especialmente, os que não têm conhecimento da língua latina, nem da língua espanhola e desejam aprender uma língua estrangeira. Observa-se, portanto, uma similaridade com a gramática anterior, no sentido de que em ambas está o apelo à aprendizagem da língua latina paralelamente à língua vernácula, ou seja, ao espanhol. Além disso, também se nota, nelas, forte ênfase no direcionamento para hispano-falantes que desejam aprender outras línguas estrangeiras.

Em seguida, o material apresenta, no primeiro tratado, definições bem breves e pertinentes antes das seções com comentário gramatical. Aqui, destacamos a definição de gramática, que, segundo Castillo, não é mais que uma arte liberal, que ensina a falar e escrever corretamente (Castillo, 1787, p 1). Vemos, portanto, que a visão da gramática como guia para um “bem falar” segue presente nesta obra, ainda que não tenha aparecido em primeiro plano, como já pontuado neste trabalho.

Os pronomes aparecem na seção intitulada “*Parte tercera, del pronombre*”, e são definidos como “[...] *una parte de la oracion (sic) declinable, el qual (sic) se pone en lugar del nombre, ó (sic) suple la falta de éste, y significa ó (sic) expresa tacitamente (sic) cierta y determinada cosa ó (sic) persona*” (Castillo, 1787, p. 24). Pedro Castillo os divide em quatro categorias, sendo elas: pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos e relativos. O sistema pronominal pessoal descrito pelo autor consiste em *yo, tú e él/ella* para o singular e *nos/nosotros, vos/vosotros* e *ellos/ellas* para o plural. Ademais, observa-se que a junção das formas “*vos*” e “*vosotros*” e “*nos*” e “*nosotros*” não significa que Castillo (1787) prescreva um uso alternado, isto é, variável das duas formas:

Deve (sic) advertirse, que aunque en el plural se encuentra nos y nosotros, vos y vosotros, no por eso se usan indiferentemente, por quanto (sic) nos y vos usamos quando (sic) queremos demostrar dignidad ó (sic) grandeza, como quando decimos: “Nos Don Francisco, por la gracia de Dios, &c. y en los demás casos de nosotros y vosotros”. (Castillo, 1787, p. 26)

Por outro lado, a forma “*usted*”, ainda que não seja contemplada na seção de pronomes dessa gramática, aparece em um exemplo trazido pelo autor, na seção “Parte quarta – del verbo”: “*El futuro significa mandar que una cosa se haga: v. gr. harás que Antonio venga á cumplir su palabra, dirán ustedes á Pedro que no me espere*” (Castillo, 1787, p. 45, grifo nosso). Tal ocorrência chama a atenção pela possibilidade de indicar que, no momento de redação dessa gramática, já se observava o uso da forma “*usted*”/“*ustedes*”, ainda que não tenha sido descrita, nessa obra, na seção destinada aos pronomes.

De maneira similar à gramática de Gómez Gayoso (1743), também a *Cartilla de la lengua castellana* traz à tona a principal finalidade atribuída à gramática da língua espanhola naquele contexto sócio-histórico, pois em ambas se vê a defesa de que o melhor aproveitamento do estudo da gramática do espanhol acontece quando tomado como base prévia ao estudo de outras línguas modernas. Além disso, essa gramática, ainda que tampouco mencione o uso de formas como “*usted*” – ou de formas anteriores –, já apresenta condições extralingüísticas para o emprego de certos pronomes, que é o caso da divisão entre “*vos*” e “*vosotros*” e entre “*nos*” e “*nosotros*”, delimitando um uso mais reverencial para as formas “*vos/nos*”.

Finalmente, também é importante observar o fato de que, ainda que as formas de tratamento que viriam a resultar no pronome “*usted*” não tenham feito parte do manual no tratado de pronomes, sua existência fica registrada no exemplo de uso anteriormente mencionado e, ao aparecer em sua forma “contraída”, trata-se de um indicador de que, ao menos no âmbito da fala, seu uso já estaria difundido.

3.3 GRAMÁTICA DE LA LENGUA CASTELLANA SEGÚN AHORA SE HABLA, DE VICENTE DE SALVÁ (1835)

A obra *Gramática de la lengua castellana según ahora se habla* (1835), de Vicente de Salvá, foi a primeira gramática do século XIX que analisamos no presente trabalho. A partir da análise da gramática de Salvá, apresentam-se dois pontos relevantes para a discussão teórica desenvolvida no presente texto. Primeiro, destaca-se a introdução da obra, em que o autor faz um comentário acerca da história da produção de gramáticas de língua espanhola, mencionando as obras que lhe parecem mais relevantes. Nessa introdução, Salvá (1835) comenta que, ainda que sejam muitas as gramáticas publicadas em sua época, tal abundância não se verifica dentro de seu país e que durante os séculos XVII e XVIII tampouco se observa uma produção significativa de manuais de gramática:

No debemos extrañar (sic) que en la mitad última del siglo XVII y en la primera del siguiente se imprimiesen pocas Gramáticas españolas, de modo que apénas (sic) merezca mencionarse otra que la publicada en verso por Máreos Márquez el año de 1716. [...] Pero desterrado este con los esfuerzos que empezaban á hacer algunos literatos reunidos á la sombra de la Academia española, ó sostenidos por su respetable autoridad, pronto se advirtió la falta que había de una Gramática de nuestra lengua. (Salvá, 1835, p. 10)

Com essa informação, é possível observar que o cenário que antecedeu o movimento de produção de gramáticas impulsionado pelo método racionalista aqui analisado foi de uma produção mais tímida, paralela ao desenvolvimento dos manuais da *Real Academia Española* – fundada em 1703.

Em segundo lugar, destaca-se o modo como Vicente de Salvá apresenta os pronomes e formas de tratamento, especialmente o uso da forma *usted/ustedes*. É possível observar dois momentos em que aparecem discussões acerca do fenômeno. Na seção intitulada “*Analogía*”, encontra-se um item dedicado à explicação direta dos pronomes de tratamento, bem como suas declinações. Tal dado indica a aproximação ao método gramatical latino, atento aos casos e declinações da língua romana, que não desapareceu por completo no movimento de interação com os manuais de gramática franceses.

Em seguida, na seção de “*Sintaxe*”, Salvá (1835, p. 159) dedica um parágrafo a explicar o uso de *usted*, bem como de suas peculiaridades:

La lengua castellana tiene un pronombre que le es peculiar, para las personas á (sic) quienes dirigimos la palabra, si no tenemos con ellas un parentesco, dominio ó (sic) familiaridad que nos autorize (sic) á tutearlas; lo que solo hacen los padres con sus hijos, algunos amos con sus criados, y los amigos íntimos, particularmente si lo son desde la niñez. Este pronombre es el usted en singular, y ustedes en plural, (Vd. y Vds. por abreviatura) que siendo una contracción de vuestra merced (Vm.) y vuestras mercedes (Vms.), que es como se usaba antigüamente, concierta siempre con el verbo en tercera persona [...] (Salvá, 1835, p. 159)

Nessa explicação, já é possível observar um bom desenvolvimento das definições de uso dos pronomes *usted/ustedes*, posto que os contextos de uso e as formas de conjugação dos verbos que acompanham aparecem de maneira muito clara, além de estarem coerentes com o objetivo estabelecido por Salvá ao elaborar a *Gramática de la lengua castellana*, que era alcançar o público de jovens estudantes espanhóis. Assim, confirma-se a hipótese de que, dada a gramaticalização de uma forma de tratamento com uso tão dependente de fatores externos como é o *usted/ustedes*, tais fatores devem formar parte da descrição desse pronome no manual de gramática.

Quanto ao pronome *vos*, este aparece na subseção que trata dos artigos e pronomes, dentro da seção de *Analogia* (Salvá, 1835, p. 49) como segunda pessoa do plural, compondo o paradigma “*tú-vos*”. No entanto, na subseção sobre os verbos, em um parágrafo que explica o funcionamento das conjugações, Salvá (1835, p. 55) não usa “*vos*” para referir-se à segunda pessoa, mas “*vosotros*”: “*Nosotros, bien expreso, bien sobreentendido, señala, siendo supuesto del verbo, la primera persona del plural, vosotros la segunda...*”. Do mesmo modo, na sistematização das conjugações regulares, a segunda pessoa do plural também é indicada com o uso de “*vosotros*” na função de sujeito.

Esse uso se vê explicado na seção de “Sintaxe” da gramática, em que o autor diz que a forma “*vos*” é uma “contração de *vosotros*” (Salvá, 1835, p. 160). No entanto, no parágrafo anterior, também se vê descrito que o uso de “*vos*” estaria reservado para contextos de oração no catolicismo, ou seja, ao “falar com Deus, com a Virgem santíssima e com os santos”, além de também ser utilizado nas provisões reais e nos escritórios de alguns tribunais, no lugar de “*usted*”.

3.4 GRAMÁTICA CASTELLANA, DE FRANCISCO A. VIGAS RIGAU (1897)

O material intitulado *Gramática castellana*, escrito por Francisco de A. Vigas Rigau em 1897, faz parte do conjunto de materiais para formação dos professores do ensino primário Espanhol (*Programas para los aspirantes al magisterio de 1ª enseñanza*) e foi a gramática escolhida para representar a segunda metade do século XIX neste trabalho.

O objetivo da *Gramática castellana*, como o autor apresenta no prólogo, não é propor um método novo de análise da gramática da língua espanhola, mas compilar os aportes de outros estudiosos da língua e sistematizá-los de uma maneira comprehensível e fácil de ser ensinada às crianças espanholas:

[...] *nos hemos decidido publicar el presente Programa de gramática castellana, que en el fondo nada nuevo contiene, pero si en la forma, puesto que, compendiadas de otros autores y completadas por algunos cuadros, ofrecemos à la juventud estudiosa las reglas principales de nuestro lenguaje nacional.* (Vigas Rigau, 1897, p. 5)

Ainda que ao longo do prólogo não se encontre uma definição explícita da visão de gramática que tem o autor, ao tratar de “oferecer as regras principais” da língua espanhola, pode-se inferir que seria uma visão alinhada à ideia de gramática como um compêndio de regras para orientar aos falantes daquela língua à “arte do bem falar”. Além disso, também corrobora para essa ideia de gramática a razão de publicação da obra aqui analisada, uma vez que o foi para preparar melhor aos professores – e, consequentemente, aos alunos – para os exames de língua espanhola nas escolas.

A obra de Vigas Rigau se divide em cinco seções, sendo elas: “*Analogía*”, “*Lexicografía*”, “*Sintaxis*”, “*Prosodia*” e “*Ortografía*”. No momento de sua publicação, era comum a existência de divergências entre os teóricos da linguagem quanto à divisão da gramática. Como explica Calero Vaquera (1986, p. 36), ao analisar gramáticas publicadas entre 1847 e 1920, a maior parte dos gramáticos desse período concorda apenas na proposta de dividir a gramática em seções, porém a quantidade e o nome de cada uma tendem a variar de autor para autor.

A divisão em cinco partes, tal como propõe Vigas Rigau, também é proposta por outros gramáticos, como Giró, em seu *Compendio de gramática castellana* (1853). Nesse aspecto, enquanto a gramática de Vigas Rigau adiciona a seção de “*Lexicografía*” às quatro partes mais tradicionais (*Analogía, Sintaxis, Prosodia e Ortografía*), a de Giró adiciona uma seção intitulada “*Análisis lógico*”. Nesta pesquisa, interessa-nos a primeira seção da gramática de Vigas Rigau, *Analogía*, mais especificamente a subseção X, em que se propõe sistematizar o uso dos pronomes em língua espanhola.

Antes de chegar às seções com conteúdo gramatical de fato, o autor reserva os três primeiros capítulos para discussões mais gerais sobre alguns conceitos linguísticos, como língua, linguagem e gramática. Sobre este último, Vigas Rigau (1897) entende que:

La gramática se divide entre general y particular. La primera es el conjunto de principios aplicables á todas las lenguas, y es de suma importancia, porque nos prepara al estudio de una lengua cualquiera. La segunda es el conjunto de principios que convienen á una sola lengua, como la castellana; la cual es también de gran importancia, porque nos enseña á hablar y escribir un idioma dado. (Vigas Rigau, 1897, p. 5, grifos do autor)

A definição proposta por Vigas Rigau está de acordo com uma visão que, segundo Calero Vaquera (1986, p. 18), já havia começado a ser discutida nesse momento nos estudos gramaticais de língua espanhola: uma divisão entre gramática geral e gramática particular das línguas. Essa preocupação em delimitar o lugar da “gramática geral” versus a “gramática particular” das línguas tem seu início na publicação do artigo “*De la necesidad de estudiar los principios del lenguaje, expuestos en una gramática general, y aplicados a la lengua materna*”, em 1803, por José Miguel Alea Abadía.

No trecho em que o autor delimita como entende a ideia de gramática particular, pode-se confirmar que sua visão de gramática está alinhada ao conceito de preparar ao falante para o “uso correto” da língua que fala, como foi pontuado anteriormente nesta análise, uma vez que defende que a gramática particular da língua “nos ensina a falar e escrever em um dado idioma”.

Corrobora para esta interpretação o parágrafo que aparece mais à frente na mesma seção, em que Vigas Rigau defende que a gramática deve ser entendida como uma ciência – por ser produto da razão – e também como arte, por “*dar reglas para hablar y escribir bien*” (Vigas Rigau, 1897, p. 10) e ainda o fragmento de alguns parágrafos adiante, em que o autor defende que: “*El estudio de la Gramática castellana es importantísimo, porque sin él no podríamos hacer el análisis de la lengua, no podríamos distinguir los buenos de los malos sonidos, ni hablar ni escribir con propiedad*” (Vigas Rigau, 1897, p. 10).

Assim, pode-se entender que a gramática aqui analisada apresenta forte inclinação prescritiva, motivada principalmente por seu objetivo de publicação anteriormente mencionado, isto é, estudantes da *primera enseñanza*, diagnosticados com desempenho abaixo do esperado nas avaliações de língua espanhola das escolas da Espanha.

Já no capítulo X, intitulado “*Los pronombres*”, vemos uma breve explicação de como se definem os pronomes em língua espanhola e suas subdivisões, a saber: pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos, relativos e indeterminados. Sobre a definição dos pronomes, segundo o autor,

[...] se llaman pronombres las palabras que expresan la idea de nuestra propia personalidad. [...] Esta clase de palabras debe existir en todas las lenguas, porque el hombre tiene idea de su propia persona; eso es, del ser que piensa, siente y quiere [...] (Vigas Rigau, 1897, p. 32)

Nessa definição, além da linguagem mais acessível e sucinta, empregada por se tratar de um material produzido para o ensino, também chama a atenção a referência ao lugar da classe de palavras “pronome” em um plano mais geral. Ao dizer que os pronomes devem ser uma classe encontrada em todas as línguas, é possível entender que, portanto, estamos diante de uma referência à ideia de gramática geral, mencionada no início do material.

A expressão de tratamento/cortesia – foco do presente trabalho – tem sua aparição em apenas um parágrafo, ainda no capítulo sobre pronomes:

Los tratamientos de cortesía V., V. S., V. E., V. M., pertenecen á la clase de los pronombres, porque se usan en lugar del pronombre tú. Usted es una contracción de Vuestra Merced, y se usa como tercera persona, quedando sobrentendido algunas veces, como: Díguese oírme. (Vigas Rigau, 1897, p. 34, grifo do autor)

Aqui, destaca-se principalmente o fato de que a variante “*usted*” já é considerada um pronome, com a justificativa de já se ter consolidado como alternativa ao pronome de segunda pessoa “*tú*”. Tal definição é coerente com o momento de redação e publicação dessa gramática, uma vez que se trata do final do século XIX, momento em que, segundo Gyóri e Komlódi (1998), o pronome “*usted*” já tinha um uso muito mais delimitado quando comparado à primeira metade deste mesmo século, por exemplo. No entanto, como ainda eram frequentes outros usos além do “*usted*” – “*vuestra señoría*”, “*vuestra excelencia*”, “*vuestra merced*” – estes também são considerados pelo autor como pronomes, algo que viria a mudar nos séculos seguintes.

De modo geral, a gramática de Vigas Rigau parece estar bem coerente com as linhas de pensamento grammatical em língua espanhola vigentes em seu momento de publicação e parte deles para apresentar um manual aos professores do ensino primário da Espanha. Com viés prescritivo e partindo da noção de que há uma gramática geral e outra específica de cada língua, e que essa gramática específica, por sua vez, tem por propósito orientar o bem falar e escrever dos falantes, Vigas Rigau recorre ao que julga mais pertinente naquilo que já foi publicado de gramática de língua espanhola e sistematiza de maneira mais sucinta para orientar aos alunos a um “uso correto” durante suas avaliações de língua espanhola.

Especificamente sobre as formas de tratamento e sua aparição nesse manual, vemos que a forma “*usted*” já aparece entendida como um pronome, algo que também tem seu sentido dada a época de redação da obra (final do século XIX), porém sem ainda aparecer junto aos outros pronomes pessoais quando estes são listados na obra.

Já o pronome “vos” aparece sozinho, como sendo equivalente ao pronome tú (Vigas Rigau, 1897, p. 34), porém reservado ao tratamento de respeito e aos contextos de oração católica: “*Los pronombres os y vos, equivalentes á tú, aunque son del número plural, sirven para referirnos con ellos á personas que nos inspiran algún respeto ó de quienes impetramos el favor del cielo, como: Suplicoos, Dios mío, el perdón de mis pecados*”. Desse modo, igual se observa na gramática de Salvá, temos uma indicação do “vos” reverencial, ainda que em certa medida se misture com o pronome “vosotros”, já que Vigas Rigau faz a concessão de que o uso de “vos” se dá no singular, ainda que estejam no plural.

4 ANÁLISE DE DADOS

Ao comparar os dois pares de gramáticas analisados neste trabalho, foi possível constatar grande semelhança entre as obras publicadas no mesmo século, seja quanto à visão de gramática e sua importância, seja quanto à forma de descrição e classificação dos pronomes. Por outro lado, destaca-se também o modo como o pronome de tratamento “usted” passa a ser alvo mais atento da gramatização do espanhol, a partir do século XIX.

Outro ponto que também é comum a todas as quatro obras analisadas é a concisão das descrições nas seções analisadas, além da consequente justificativa de que tal concisão se deve ao fato de se tratar de obras voltadas aos menos instruídos e recomendadas, principalmente, aos estudantes espanhóis.

4.1 ASPECTOS RELEVANTES DA GRAMATIZAÇÃO NO SÉCULO XVIII

No caso das gramáticas representantes do século XVIII, de Gómez Gayoso (1743) e Castillo (1787), é importante destacar a pouca produção de gramáticas naquele momento, algo comentado pelo censor da obra de Gómez Gayoso e posteriormente também notada por Vicente de Salvá – uma das gramáticas representantes do século seguinte. Essa pouca produção, por sua vez, pode ter relação com uma visão sobre o estudo da gramática de língua espanhola que aparece nas duas gramáticas analisadas, apontando que sua utilidade é muito maior para aqueles que desejam tornar-se “letrados” em outras línguas modernas, ou seja, o entendimento do funcionamento da língua espanhola seria mais necessário para aqueles que desejassem continuar estudando o funcionamento de outras línguas. Desse modo, um interesse tão restrito poderia influenciar numa produção menor de gramáticas.

Ainda sobre o contexto da produção de gramáticas de língua espanhola no século XVIII, o comentário do censor na gramática de Gómez Gayoso (1743) sobre a opinião aparentemente ainda defendida de que o domínio da gramática latina bastaria para entender o funcionamento da língua espanhola tem certa relação com o método utilizado na maioria dos manuais de gramática do momento. Como visto anteriormente, os estudiosos da língua espanhola apenas haviam começado a ter contato com o método grammatical advindo da França, de modo que as mudanças ainda não se apresentavam de maneira tão forte. Assim, as gramáticas produzidas naquele momento ainda tinham forte influência do método latino – inclusive na terminologia, separando as declinações de substantivos e pronomes, por exemplo. Por isso, ainda que nesse momento a língua espanhola já estivesse suficientemente distante do latim, a semelhança no método de sua descrição e sua prescrição poderia ser um argumento a favor dos que defendiam a não necessidade do estudo da gramática do espanhol por parte dos que já haviam estudado a gramática latina.

Quanto à descrição das formas de tratamento, as duas gramáticas limitaram-se ao sistema pronominal mais próximo ao latino, sendo o caso da diferença de uso entre “*vos/nos*” e “*vosotros/nosotros*” na gramática de Castillo (1787) a única explicação que traz fatores discursivos como determinadores do uso de cada uma das formas, diferenciação que não se encontra na gramática de Gómez Gayoso (1743). Outra diferença entre as duas obras está no fato de que a gramática de Castillo (1787) já possuir um registro do uso de *usted*, ainda que fora da seção destinada aos pronomes e sem aprofundar na discussão sobre o uso da forma. Tal menção sequer é vista na obra de Gómez Gayoso (1743).

4.2 ASPECTOS RELEVANTES DA GRAMATIZAÇÃO NO SÉCULO XIX

Por sua vez, as duas gramáticas representantes do século XIX mostram a mudança no método de análise e descrição da gramática da língua espanhola na Espanha e, principalmente no caso da *Gramática castellana*, de Vigas Rigau (1887), é possível ver a influência das gramáticas francesas nos parágrafos destinados à definição dos conceitos de gramática geral e gramática específica das línguas. Ambas as gramáticas registram, na seção dedicada à descrição dos pronomes, o uso da forma “*usted*”, sendo que Vicente de Salvá (1835) considera apenas “*usted*” como pronome e Vigas Rigau (1887) define outros “tratamentos de cortesia” como também pertencente à classe dos pronomes. O fato de que a gramática de Vigas Rigau (1887) tenha sido publicada mais de 60 anos depois da de Salvá (1835) e, ainda assim, considere a formas antecessoras à “*usted*” como pronome é um bom indicador da variação que ainda ocorria no uso dessas formas de tratamento ou conservadorismo do processo de gramatização do espanhol.

Também foi possível ver, dentro das duas obras, uma descrição do uso reverencial de “*vos/nos*”, maior que as verificadas nas gramáticas do século anterior. Tanto na gramática de Vicente de Salvá (1835) quanto na de Vigas Rigau (1887), há delimitação dos contextos de uso do *vos* em detrimento do “*vosotros*” e igualmente no caso dos pronomes “*nos/nosotros*”. A gramática de Salvá (1935), especificamente, dedica um parágrafo à explicação dos usos de “*vos*”, na mesma seção em que descreve os contextos de uso de “*usted*”. Nessa descrição, que é seguida por uma explicação similar para o caso do pronome “*nos*”, os contextos de uso apresentados são os de liturgia e outros ritos católicos, ademais dos contextos jurídicos, tratando-se, portanto, de uma descrição do chamado “*vos reverencial*”.

4.3 VISÃO GERAL: UMA LINHA DO TEMPO

Assim, desde a gramática de Gómez Gayoso (1743) até a de Vigas Rigau (1887), foi possível observar mudanças na maneira com que se buscou registrar o uso dos pronomes e das formas de tratamento. O fato de que todas as quatro obras foram redigidas para a um público menos especializado tem grande influência no nível de complexidade das explicações e descrições apresentadas, bem como na terminologia empregada e no recorte realizado quanto ao conteúdo, ou seja, quais elementos da gramática da língua espanhola foram selecionados para formar parte de tais manuais e quais não.

No caso do presente trabalho, que buscou analisar justamente a gramatização das formas de tratamento em gramáticas escolares em um momento em que essas formas ainda estavam por se consolidar, é crucial ter ciência da influência desses fatores externos no momento da delimitação do conteúdo descrito, uma vez que quaisquer fenômenos não muito aceitos pela sociedade poderiam ser deixados de fora.

Porém, mesmo com tais limitações, os usos dos pronomes e das formas de tratamento presentes nos quatro manuais analisados formam uma visão geral muito interessante de seu processo de descrição. Primeiramente, no caso das formas mais próximas ao latim, “*vos/vosotros*”, vemos uma descrição que começa tomando as duas variantes como equivalentes na gramática de Gómez Gayoso (1743); tem, na gramática de Castillo (1787), seus contextos de uso mais delimitados e, por fim, chega ao século XIX com usos muito delimitados, como descrevem Salvá (1835) e Vigas Rigau (1887).

Já o caso das formas derivadas de “*vuestra merced*”, por sua vez, não são documentadas na gramática de Gómez Gayoso (1743) e aparecem uma única vez, como exemplo, na gramática de Castillo (1787). Nas gramáticas do século XIX, tais formas são descritas já como pronomes: Vicente de Salvá (1835) reserva essa descrição para outro capítulo da gramática, separado do capítulo em que se encontra a sistematização dos pronomes, enquanto Vigas Rigau (1887) já a coloca no mesmo capítulo, porém sem ainda colocar “*usted*” junto da lista de pronomes, no formato que nos é tão familiar atualmente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A delimitação do uso das formas pronominais de tratamento na língua espanhola foi e ainda é fortemente determinada pelos fatores extralingüísticos de cortesia e nível de formalidade/familiaridade. Sua gramatização, portanto, deve passar pelo registro de tais fatores, uma vez que são parte fundamental para a obtenção do sentido completo a ser comunicado pelo falante. Para que tal gramatização aconteça, no entanto, faz-se necessário que as condições de uso sejam claras o suficiente para serem descritas, principalmente em manuais escolares de gramática, em que o conteúdo tende a ser mais resumido e simplificado que nas gramáticas tradicionais mais abrangentes.

Posto que a diferenciação entre o uso das formas “*tú*” e “*usted*” se deu entre os séculos XVIII e XIX, sua presença nos manuais de gramática está melhor sistematizada mais ao final do século XIX, ainda que já seja possível ver indícios de uso em gramáticas do século anterior. Ademais, uma vez que a forma pronominal de familiaridade (*tú*) vem diretamente do latim, enquanto que a de tratamento de respeito (*usted*) vem da expressão inicialmente utilizada “*vuestra merced*”, tem-se então outro fator que retarda o registro dessa forma junto ao restante dos pronomes, que é a necessidade de que tal forma se gramaticalize, através do emprego e da grande frequência de uso, em uma forma gramatical da língua, ou seja, que se gramaticalize e deixe de ser uma construção com possessivo de “*vosotros + merced/señoría/etc*”.

Constatamos, através de estudos sobre o processo de formação da forma pronominal “*usted*” (Pla Cárcel, 1923; Sáez Riveira, 2006; Lapesa, 1970; Györi; Komlódi, 1998), que essa gramaticalização provavelmente se deu ao longo do século XVIII, sem aparecer, contudo, – graças à natural lentidão no processo de revisão da normatização da língua – na gramática de Castillo (1787), como viria a aparecer nas outras duas gramáticas do século XIX. Vale ressaltar que se trata de um processo tão gradual que nas duas gramáticas oitocentistas ainda se encontra divergência quanto a qual das formas derivadas de “*uestro(a)*” + “*señoría/merced/etc*”, se poderiam considerar como pronomes. Seguramente, em uma análise com mais entradas, isto é, com mais gramáticas analisadas, será possível apresentar mais detalhes sobre as divergências e mudanças descritas no presente trabalho.

Finalmente, ao contrário do que inicialmente se tinha pensado, a abordagem do conteúdo referente à cortesia linguística não se mostrou tão produtiva na formação escolar dos jovens espanhóis, se tomamos como base essas gramáticas. Isto é, ainda que o uso das formas pronominais de tratamento tenha a ver com cortesia e respeito, esse fator ainda não aparecia com suficiente atenção nas quatro gramáticas consultadas, ou seja, seus autores não deram ênfase nesse fator discursivo ao registrar diferentes formas de cortesia marcadas por nome, nos casos em que essa diferenciação foi feita.

Ao longo da presente pesquisa, buscou-se delimitar como a descrição dos pronomes de tratamento começa a aparecer nos manuais de gramática espanhóis, utilizando as gramáticas escolares como foco de análise. Observamos que a própria caracterização de formas como “*usted/es*” e “*vos/vosotros*” como pronomes de tratamento é também um processo lento, bem como o é a descrição dos contextos de uso de cada forma.

Assim, o registro dos pronomes parece partir, ao princípio do século XVIII, de um destaque aos pronomes advindos do método latino, de modo que todavia não se mencionam os contextos de uso, já que os gramáticos desse período prescrevem exatamente uma forma pronominal para cada pessoa do discurso e sua correspondente no plural. À medida que surgem alternativas para a referência de uma mesma pessoa de tratamento, começa-se a delimitar os contextos de uso de cada forma também nos manuais, dentro do distanciamento comum entre o que se é registrado e o uso efetivo da língua. Tal tendência foi observada de modo especial nas gramáticas do século XIX. Como vimos, são protagonistas dessa mudança os pronomes *vos* e *usted* e, no caso deste, constatou-se inclusive um registro fora da subseção destinada aos pronomes, em que aparece com função de pronome, porém em uma gramática que não o reconhece como tal.

Como dito anteriormente, este trabalho pode ser expandido com a análise de mais manuais, sejam eles também escolares ou não. Também é possível adicionar a essa expansão uma comparação do registro dos pronomes de tratamento nas gramáticas frente ao uso compilado em bases de dados como o *Corpus del Español* durante o século XVIII e XIX. Desse modo, pode-se traçar uma linha do tempo mais detalhada da história da descrição das formas pronominais de tratamento em língua espanhola.

AGRADECIMENTO

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

REFERÊNCIAS

- ALÉONG, S. Normas linguísticas, normas sociais: uma perspectiva antropológica. In: BAGNO, M. (org.). *Norma Linguística*. 2 ed. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 2011. p. 141-170.
- ANTUNES, I. *Muito além da gramática*: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.
- AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. 3. ed. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. Autores, 2020.
- BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso*: por uma pedagogia da variação linguística. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2007.
- CALERO VAQUERA, M. L. *Historia de la gramática española (1847-1920)*: de A. Bello a R. Lenz. Prólogo de José A. de Molina Redondo. Madrid: Editorial Gredos, 1986.
- CASTILLO, P. *Cartilla de la lengua castellana* - método breve y fácil para poder ser gramático. Madrid: Pantaleón Aznar, 1787.
- COSERIU, E. Sistema, norma y habla. In: COSERIU, E. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. 3 ed. Madrid: Gredos, 1962.
- GÓMEZ GAYOSO, B. M. *Gramática de la lengua castellana*. Madrid: Imprenta de Juan de Zúñiga, 1743.
- GYÓRI, A.; KOMLÓDI, Z. La evolución del trato social en el español de España y en el de América Latina. Aspectos sociolingüísticos y de comunicación intercultural. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN EUROPEA DE PROFESORES DE ESPAÑOL, 31, 1996, León. *Anais* [...] Budapest: AEPE, 1998. p. 87-119.
- LAPESA, R.. Personas gramaticales y tratamientos en español. *Revista de la Universidad de Madrid*, n.19, p. 141-167, 1970.
- MÚGICA, N.. Acerca de la tensión norma – variación lingüística. Sintaxis, morfología, léxico. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*. v. 5, n. 9, p. 1-25, 2007. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_acerca_de_la_tension_norma.pdf. Acessado em 21 de novembro de 2023.
- ORLANDI, E. P. Trajetos da história do conhecimento linguístico: a Gramática, o Estado, a autoria. In: ORLANDI, E. *Língua e conhecimento linguístico*: para uma história das ideias no Brasil. 2 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2013. p.137-186.
- PLA CÁRCELES, J. La evolución del tratamiento "vuestra-merced". *Revista de Filología Española*, n. 10, p. 245-280, 1923.
- SAÉZ RIVEIRA, D. Vuestra merced> usted: nuevos datos y perspectivas. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE HISTORIA DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 60, 2003, Madrid. *Actas* [...]. Madrid: Arco Libros, 2006.
- SALVÁ, V. *Gramática de la lengua castellana según ahora se habla*. 2 ed. Valencia: Librería de los ss. Mallen y Sobrinos, 1835.

TERÁN ELIZONDO, M. I.; GALÁN MONTEMAYOR, M. del C. F. La inquisición y la censura de libros en la nueva España del siglo XVIII. *Revista Mexicana de Historia del Derecho*, n. 36, v. 1, p. 181-216, 2017. Disponível em: <https://revistas.juridicas.unam.mx/index.php/historia-derecho/article/view/11948>. Acesso em 21 de novembro de 2023.

VIGAS RIGAU, F. de A. *Gramática castellana*. Barcelona: Imprenta de Collazos y Tasis, 1897.



Recebido em 03/01/2023. Aceito em 08/10/2023.